

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
AUGUSTO CABRITA, O HOMEM DA CÂMARA-VIOLINO
7 de março de 2024

COMEÇAR PELO FIM

CAÇA À RAPOSA A CAVALO / 1964

Realização e direção de fotografia: Augusto Cabrita / *Produção:* RTP / *Cópia:* RTP Arquivos, ficheiro digital, preto e branco, muda / *Duração:* 8 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

HELLO JIM! / 1976

Realização, argumento e direção de fotografia: Augusto Cabrita / *Som:* Hugo Ribeiro / *Montagem:* Maria Beatriz / *Música:* Carlos Paredes / *Locução:* Ruy de Carvalho / *Produção:* Centro Nacional de Formação Turística e Hotelaria / *Direção de produção:* Baptista Rosa / *Estreia comercial em Portugal:* 28 de Outubro de 1971, no cinema Politeama (Lisboa, com distribuição da Sonoro Filme) / *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP (a partir de digitalização de negativo 35mm, cor, falada em português / *Duração:* 13 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 4 de Fevereiro de 2004 (ciclo “Cinema para Carlos Paredes”).

“FÁBRICA DE VIDRO” / 1977

Realização e direção de fotografia: Augusto Cabrita / *Série:* Melomania / *Produção:* RTP / *Cópia:* RTP Arquivos, ficheiro digital, preto e branco, sem diálogos / *Duração:* 11 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

METAMORFOSE / 1969

Realização e direção de fotografia: Augusto Cabrita / *Com:* Manuel Casimiro / *Produção:* RTP / *Cópia:* RTP Arquivos, ficheiro digital, preto e branco, sem diálogos / *Duração:* 8 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

ERA UMA VEZ UM COMBOIO... UMA VIAGEM DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN / 1978

Realização: Augusto Cabrita / *Montagem:* Assis Gil / *Música:* Fernando Lopes Graça / *Vozes:* Rui Pedro, Maria Alberta Menéres / *Produção:* RTP / *Título integral:* Era uma Vez um Comboio... Uma viagem de Hans Christian Andersen segundo o seu livro uma visita a Portugal em 1886 / *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm, cor, falada em português / *Duração:* 32 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de fevereiro de 2013 (ciclo “Foco no Arquivo”)

Duração da projeção: 72 minutos

NOTA: a cópia de **Era uma vez um Comboio...** apresenta alguma degradação cromática.

A fechar o pequeno ciclo dedicado ao trabalho de Augusto Cabrita enquanto realizador (terceira e última sessão), atravessa-se a filmografia do cineasta, do início ao fim, isto é, apresenta-se uma das suas reportagens sobre caça (a primeira delas foi rodada em 1959), e um dos seus últimos filmes, **Era uma Vez um Comboio...** (de 1978) – os seus últimos filmes são **Açores, Ilhas do Atlântico** e **Setenave - Um Estaleiro Para o Mundo**, ambos finalizados poucos meses depois, em 1979. Assim, ao longo de uma carreira de pouco mais de vinte anos enquanto repórter de imagem, diretor de fotografia e realizador, Augusto Cabrita trabalhou quase sempre como documentarista (mesmo quando integrado em filme de ficção – vejam-se as imagens da segunda equipa de **As Ilhas Encantadas**, autênticos registos da “vida selvagem” da ilha de Porto Santo). Porém, alguns dos seus filmes – nomeadamente dois que agora se apresentam, **Hello Jim!** e **Era uma Vez um Comboio** – aproximam-se das convenções narrativas da ficção. O propósito da sessão de hoje é, justamente, procurar entender de que forma Cabrita foi desenvolvendo um registo próprio e de que forma os filmes que realizou no final da década de 1970 (já depois do 25 de Abril) revelam de forma acabada a natureza do seu olhar.

Antes disso, há que recordar o seu percurso profissional no cinema. Antes de fazer a fotografia de **Belarmino** (1964), antes trabalhar em **As Ilhas Encantadas** (1965) e antes de ser o diretor de fotografia de **Catembe** (1965), ou seja, antes de ser integrado no grupo do Cinema Novo e nas Produções Cunha Telles, Augusto Cabrita há muito que já havia dado o salto da imagem fotográfica para a imagem em movimento. Vindo da fotografia – área em que primeiro se notabiliza – Augusto Cabrita começa a filmar quando, em meados dos anos 1950, integra a equipa de repórteres de imagem da RTP. Assim, logo no

início de 1957, trabalha ora como repórter para o “Telejornal”, ora para o programa “Juventude no Mundo”, ora já como realizador-repórter de “assuntos” para o “Vamos Jogar no Totobola”, o famoso programa de Artur Agostinho.

Um dos primeiros trabalhos para a RTP onde Augusto Cabrita coloca a sua assinatura integra uma série coordenada pelo realizador e produtor Hélder Mendes para a RTP dedicada às tradições da caça. Segundo os Arquivos da RTP, **Caça à Raposa** (1959) e **Corrida às Lebres** (1960) são as primeiras reportagens assinadas em nome próprio por Augusto Cabrita. À época, o diretor adjunto do Serviço de Programas da RTP era Baptista Rosa (figura fundamental na década da 1960 no que ao cinema diz respeito; era diretor de programas na televisão pública, era o responsável pelos Serviço dos Cartográficos do Exército e era, também, o diretor da revista de cinema *Plateia* – e produtor de **Hello Jim!**) e, entre ele, Cabrita e Mendes desenvolveu-se uma forte camaradagem que – dentro das limitações à liberdade de expressão da ditadura – possibilitou uma série de experiências dentro da grelha televisiva, nessa altura ainda muito exploratória. Um exemplo disso é a série “Segredos do Mar”, onde Mendes e Cabrita foram uns dos pioneiros em Portugal na recolha de imagens subaquáticas – talento que se reconhece na sequência do naufrágio do marido de Hunila/Amália, em **As Ilhas Encantadas**, que só Cabrita poderia ter filmado daquela maneira – mas Mendes coordenou várias séries sobre caça, pesca, a cultura algarvia, a cultura açoriana, sendo muitas das vezes o realizador-repórter que apresenta e entrevista os transeuntes.

Caça à Raposa a Cavallo interessa, acima de tudo, pelo registo quase etnográfico de uma prática de alta sociedade. Ao contrário da maioria da produção documental televisiva desta época – quase sempre focada numa certa ancestralidade dos métodos tradicionais – esta reportagem (de que se perdeu o som) descreve um evento burguês que procura recriar no contexto nacional uma prática de origem britânica. No âmbito da referida série de Hélder Mendes, Cabrita havia já filmado outra caça à raposa, em 1959 (a referida “primeira reportagem”), onde a dimensão popular e comunal era evidente. Este registo, pelo contrário, apresenta uma faceta mais aristocrática, logo a começar pelo genérico, onde se reproduz uma litografia que antecipa toda aquela encenação algo provinciana.

Mais tarde, outro dos trabalhos televisivos onde se pode reconhecer o talento e a ousadia de Augusto Cabrita é a série “Melomania”. Desenvolvida na RTP entre 1976 e 1978, o fotógrafo-realizador trabalhou em diálogo com o musicólogo João de Freitas Branco num programa semana. Desenvolvido pelos dois, Freitas Branco apresentava os programas (falando diretamente para a câmara), ao passo que Cabrita realizava pequenos filmes de cariz experimental onde procurava dar dinamismo e fundo visual às composições. Cada episódio tinha cerca de trinta minutos de duração, a primeira parte (e mais longa) era dedicada à palavra de Freitas Branco (quase sempre um longo monólogo sobre história e teoria musical), a que se seguia uma sequência (no máximo com dez minutos) que, sem recurso à palavra, apresentava um trecho musical “ilustrado” por Augusto Cabrita que se caracterizava pelo gosto da abstração, pela velocidade, pela geometria das formas, ou pela contemplação do inusitado.

“**Fábrica de Vidro**” é um desses exercícios de estilo de “Melomania”, com a particularidade de, neste caso, se tratar não de um tema específico, mas de uma composição de várias peças de diferentes autores. De qualquer modo, Cabrita trabalha o gesto da “ilustração” numa lógica de mimetismo dos gestos de uma fábrica de vidros com os sons das composições musicais. Assim, ao agudo dos metais faz corresponder o trabalho de corte e polimento dos vidros; já ao som de um órgão faz corresponder (com algum humor) o sopro e a modelação do vidro ainda quente pelos artesãos. Augusto Cabrita delicia-se a produzir imagens por vezes quase abstratas, onde os jogos de luz e transparência do vidro recompõem a literalidade do contexto fabril, aproximando-o de uma dimensão onírica.

Metamorfose é, por sua vez, uma reportagem feita para o “Telejornal” e emitida em maio de 1969, que tem a particularidade de dar a ver o trabalho escultórico de Manuel Casimiro, filho do realizador Manoel de Oliveira (que aparece fugazmente retirando os óculos para melhor observar uma das peças), que muito embora tenha desenvolvido uma longa prática pictórica, trabalhava à época a escultura a partir da respiga de ferro velho (começando o filme por mostrar cenas de corridas automóveis – um dos *hobbies* que mais entusiasmava Manoel de Oliveira). Note-se que Augusto Cabrita teria sido o diretor de fotografia do projeto nunca realizado que Manoel de Oliveira terei feito com António da Cunha Telles em meados dos anos 1960, a partir de *A Faca e o Rio*, de Dyllo Costa Filho, e que foi o

diretor de fotografia do filme **Server do Vouga... Uma experiência**, de que Oliveira foi o “supervisor de produção”. A abordagem de **Metamorfose** é semelhante à da série “Melomania” – não há diálogos e as imagens são acompanhadas por uma trilha sonora experimental – e é possível identificar um efeito de reconhecimento na câmara de Cabrita que, diante do processo de reconfiguração do escultor, descobre um irmão, já que também Cabrita, com a câmara de filmar, trabalha a reconfiguração e a resignificação dos cacos da realidade.

Chegamos, por fim, a **Era uma Vez um Comboio...**, talvez o mais ambicioso dos projetos de Cabrita e também aquele que, aparentemente, desenvolveu em maior liberdade. Sendo uma produção da RTP, sobrevive do filme uma versão mais longa (intitulada **Histórias de Comboios em Portugal**, com cerca de 45 minutos), mas a preto e branco, que foi exibida na televisão pública na véspera de Natal de 1978. A presente versão, feita para exibição em sala de cinema, tem menos 13 minutos e revela as cores do suporte original (a película de 16mm com que foi filmado), e exclui (face à versão televisiva), a entrevista ao maquinista Matias Barbado que conta a história do primeiro comboio a vapor em Portugal (comboio esse que abre a presente versão para cinema).

De seu título completo “Era uma Vez um Comboio... Uma viagem de Hans Christian Andersen segundo o seu livro ‘Uma Visita a Portugal em 1886’”, o filme de Augusto Cabrita parte do texto do escritor (recorrendo também a correspondências trocadas, elementos biográficos e outras fontes literárias) para, pelos olhos novecentistas do dinamarquês, percorrer as mesmas linhas de comboio, visitar as mesmas zonas e contemplar as mesmas paisagens. Só que a estratégia de Cabrita é bastante mais complexa. Primeiro, há uma desmultiplicação das vozes que fazem a narração (Maria Alberta Menéres, que trata da contextualização histórica, Rui Pedro, que lê os textos), depois há também uma desmultiplicação dos olhares, já que Cabrita introduz duas crianças que “vão percorrer o mesmo caminho que Andersen percorreu na sua viagem a Portugal: 1886-1978, o mesmo itinerário, o mesmo espanto”. Há, portanto, uma identificação do fotógrafo com o olhar infantil e o filme procura traduzir o fascínio da descoberta através de um efeito de substituição vicariante.

Só que as coisas não ficam por aqui, como explica a narração, “as crianças gostam de olhar a paisagem pela janela, quem sabe se a paisagem não gostará também de olhar para as crianças?” Esta sugestão de um olhar da própria paisagem propõe uma rotação do olhar que devolve o humano segundo a sua própria mirada pictórica, aplanando-o. E daí, Cabrita parte para as vistas aéreas (umas das suas especialidades enquanto operador), só que – mais uma vez – subjetiva esse olhar através de uma cegonha. Cada um desses planos aéreos corresponde ao ponto de vista dos pássaros e, como tal, propõe-se uma equivalência entre a migração das aves e as migrações dos humanos, potenciadas pelos transportes ferroviários (que, como se refere, aproximaram Portugal da Dinamarca).

Este emaranhado de pontos de vista (do escritor, o do fotógrafo, o das crianças, o da paisagem, o dos pássaros) pretende, afinal, uma equivalência entre todos eles com o intuito de descrever a própria natureza do olhar de Andersen (olhar fotográfico, olhar lúdico e fascinado, olhar pictórico e olhar alado – “da primeira vez que Andersen andou de comboio afirmou que já sabia o que era voar”). Mas Cabrita não se fica por um gesto de restituição histórica, pelo contrário, a proposta passa sempre por fazer chocar o registo de 1886 com a realidade de Portugal pós-revolucionário no final de 1978. Os jogos de anacronia são permanentes e a narração de Rui Pedro (uma espécie de evocação espectral de Andersen, que fala na primeira pessoa a partir do presente, sob a forma de uma cegonha) sublinha constantemente o progresso, o desenvolvimento do país, as novas indústrias (Cabrita não perde a oportunidade de “visitar” o seu Barreiro), mas também a poluição e os excessos urbanísticos.

No entanto, aquilo que mais toca em **Era uma Vez um Comboio...** é o seu desejo de ficção. Não só através do texto, mas especialmente na relação com as crianças (as que viajam de comboio, as que brincam por entre o ferro velho). Esse ímpeto ficcional – que aproxima esta curta-metragem de um trabalho mais próximo do filme-ensaio do que do simples documentário de divulgação turístico-literária – é a prova de que, caso Augusto Cabrita tivesse prosseguido o seu trabalho como cineasta, ter-nos-ia certamente dado a ver objetos híbridos bem surpreendentes.

HELLO JIM!

Surgido no contexto de produção dos títulos de curta-metragem de cariz industrial ou de encomenda que ocupa um papel importante na história do cinema em Portugal, na sua vertente documental por um lado e, por outro, como campo de experimentação para realizadores que afirmariam as suas obras na longa-metragem de ficção, **Hello Jim!** é um caso um pouco à parte. Primeiro filme realizado a solo por Cabrita, já após os seus trabalhos como director de fotografia de **Belarmino** ou **Catembe** (e de um documentário sobre a Madeira co-realizado com Carlos Vilardebó, **Os Caminhos do Sol**, de 1966), **Hello Jim!** nasceu de um patrocínio do Centro Nacional de Formação Artística e Hoteleira para fazer eco das novas oportunidades de emprego da indústria turística então emergente. Ou seja, para cumprir uma missão promocional, o que o leva aos bastidores da actividade hoteleira e da restauração, centrando-se no trabalho dessa mesma indústria.

“Turismo – Caminho para Profissões Novas”, diz uma das imagens do dito genérico que inscreve as letras dos créditos sobre fundos de madeira e os primeiros acordes da música de Carlos Paredes, logo evocando o fundo belissimamente sufocado da Lisboa dos **Verdes Anos** e das suas personagens. Simultaneamente cumprindo o seu papel, isto é, expondo as virtudes da indústria em florescimento que se propõe retratar, e desmontando esse mesmo discurso, muito por via do trabalho da banda de som, **Hello Jim!** escapa à circunscrição do seu contexto de produção sinalizando o desconforto de uma contradição em potência. A formação profissional requerida pelo trabalho hoteleiro, que está no fulcro do filme, “uma das mais novas actividades do turismo”, “o dinamismo de uma profissão nova (...) autêntico convite para o futuro”, traz consigo a promessa de um mundo novo e progressista, cujas cambiantes nunca deixam de ser notadas. A outra face do *glamour* da experiência turística – hoteleira, de restauração, de lazer –, é a dos trabalhadores que a servem, inscritos numa galáxia dela distante.

Sublinha-o a montagem, o sentido de humor que impregna o encadeamento dos planos do burro, do avião que cruza o céu, dos automóveis que dobram a curva da estrada rodoviária em *jump cut*, do cavalo nos campos; a banda de som, o ressoar desse “*hello Jim*” nos auscultadores dos trabalhadores que aprendem inglês (e francês) ouvindo um disco de vinil a fim de poderem relacionar-se profissionalmente com os turistas estrangeiros que virão massivamente ocupar as unidades hoteleiras. O efeito de repetição da expressão sobre as imagens em grande plano dos formandos abre o filme a uma dimensão que lhe amplia o desconforto, e cabe por inteiro no eco do plano da sala de jantar vazia. Há um desajuste, um desacordo, entre o que se apregoa como oportunidade profissional e o que dela se intui como reserva. Não há margem para dúvida no plano final, de novo ao som desse “*hello Jim*” com o movimento a suspender-se na imagem de um dos rostos dos trabalhadores em paralítico e a preto-e-branco, três vezes quebrado pela ampliação da imagem. **Hello Jim!** não tem só a capacidade da inquietação, torna-a em elemento imprescindível, trá-la para primeiro plano, demonstrando o poder de um pequeno filme.

Para não falar de um grau de premonição que em 2024 cala fundo.

Maria João Madeira